



REDACÇÃO PRINCIPAL
Alexandre Vieira

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR — Joaquim Cardoso

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

“A BATALHA,” VIVE!

Operários: querem amordaçar-nos!

Tem A BATALHA, ante a atitude belicosa do poder, mantido uma serenidade sistemática para que os governantes não pudessem ter ensejo de exercer uma violência contra este órgão proletariano. Quasi nos temos limitado a dar, sem um comentário, as notícias das greves, exactamente para que as autoridades não pudessem alegar que A BATALHA estava fazendo propaganda iconoclasta ou subversiva.

Pois apesar da nossa atitude sóbria, os governantes, embora sem terem a nobre coragem de assumir a responsabilidade dos seus actos, fecharam ontem não só a sede da C. G. T., mas também a parte do edificio onde está instalada A BATALHA!

¿Pretendem calar por tal forma esta voz, cujos brados fortes tanto os incomodam? Mas se assim é, tenham a hombridade de o dizer com franqueza, para que possamos registar mais uma arbitrariedade da parte dos homens da “ordem” e a classe operária, em face dela, siga o caminho que entender.

DESEMBUCHEM!

Nunca os homens desta república mostraram ter força para cair sobre os causadores da miséria pública, os assambradores representados pelo alto comércio, a lavoura os potenciais da indústria e uma série infundável de intermediários, que tem conduzido o país à ruína, ao mesmo tempo que, mercê da sua ganância desmesurada, não provocou legítimos protestos dos consumidores, sendo uma consequência dessa ganância as actuais greves, determinadas pela insuficiência do salário ante a carestia dos géneros.

Porém, os governos republicanos, todos eles, que no seu procedimento não há distinção apreciável, tem força e tem audácia para exercerem sobre a classe operária todas as violências que lhes aprez, só porque da banda dos que trabalham há o propósito, assás legítimo, de se oporem às descaroáveis extorsões de que são vítimas, pelo seu próprio esforço, já que com a acção dos governantes não podem contar, porque esta, quando os não favorece, é nula.

O exemplo mais recente da atitude irritante do governo está na atitude da guarda republicana, dirigida e inspirada pelo irmão siamez do presidente do ministério, que intencionalmente tem vindo a provocar os operários em greve, na intenção de os metralhar, supondo que desta forma abafa as justas reclamações dos que, em face da intransigência do patronato, recorrem a greve para serem satisfeitos as suas pretensões, já que de outro modo o não conseguem.

Todas as classes em luta tem conduzido os seus movimentos de molde a proporcionar, quer ao patronato, quer ao governo, ensejo de solucionar com dignidade os seus movimentos de greve, mas tanto dum como doutro lado só tem havido hostilidade e desejo de irritar, certamente no intuito de levarem o proletariado a recorrer a gestos enérgicos para então o massacrarem com as metralhadoras que em ar de desafio são postadas através dessas ruas.

Ontem, o propósito de provocação mostrou-se bem claro por parte da guarda republicana e das outras autoridades, que sem um motivo que cabalmente justificasse a sua intervenção violenta, se encaminharam para a sede da Federação Nacional da Construção Civil, onde também tem a sua sede a C. G. T., U. S. O. e A Batalha, fechando não só os gabinetes daqueles organismos operários, mas igualmente as oficinas deste jornal, tudo isto na suposição de que pondo em prática tais medidas logariam por termo as greves em trânsito e simultaneamente amordaçar a nossa voz, que singularmente os incomoda. Não o fazem, porém, as claras, mas de modo ambíguo, sem tomarem a clara responsabilidade dos atropelos que praticam, procurando antes vergonhosas tangentes, impróprias de homens habituados a responder pelos seus actos.

E' que, a despeito de se mostrarem enérgicos, eles tem medo até da própria sombra.

Eles sabem que A Batalha é um órgão que conta as mais vivas simpatias entre a classe operária, e como são absolutamente parvos, calculam que se desassombradamente revelassem os seus intuitos, bem poderia repetir-se o acontecimento presenciado quando da greve de solidariedade para com os operários da União Fabril, em que, perante o selamento de A Batalha, os quadros dos jornais, numa bela manifestação de consciência operária, cruzaram os braços, negando-se a compor os outros jornais enquanto A Batalha estivesse impedida de circular.

Os governantes querem evitar agora um gesto idêntico e, assim, perguntado ontem o governador civil sobre se A Batalha estava inibida de circular — e só o podia estar em face duma arbitrariedade — respondeu com evasivas, sem se arriscar a dar uma opinião concreta.

Pois A Batalha, que nunca fugiu a assumir a responsabilidade das suas atitudes; A Batalha, cujos orientadores responderam até agora inteiramente, e não de responder sempre, por tudo quanto nestas colunas se escreve; A Batalha, cuja linguagem pode ser viva, mas é sempre honesta; A Batalha, ante a conduta equivocada dos governantes e das suas autoridades, convidadas a, falarem direito e a falarem claro, porque temos pressa de saber em que lei vivemos.

Vamos, senhores governantes, falem!

Desembuchem!

Procedimento singular

uma arbitrariedade dos governantes foi o assalto efectuado ontem à Associação dos Caixeiros, quando os operários da indústria do mobiliário aguardavam a hora em que ali devia efectuar-se uma sessão, para pôr termo ao movimento pró-aumento de salário que se encontrava quasi solucionado, visto que os industriais haviam dado já a sua adesão.

Vê-se, por este facto, que os governantes se empenham sistematicamente em perseguir todos os que trabalham, porquanto aqueles camaradas não podiam de forma alguma ser acusados de fomentar conflitos, quando tinham já as suas reclamações atendidas.

No entanto as autoridades não tiveram dúvida em prender grande número de operários que naquela associação se encontravam.

Facto curioso: o sr. governador civil mandou pôr em liberdade todos os trabalhadores que possuíam caderneta sindical, o que nos dá a impressão de que aquele senhor está empenhado em fazer propaganda sindicalista.

A propaganda agradece-mo-la, mas protestamos indignadamente contra as prisões.

QUADROS DOS JORNAIS

Reinam hoje, às 19 horas e meia, prefixos, os quadros dos jornais diários de Lisboa.

NÃO APOIADO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

Mons parturient... E parece que é fatal esta cousa de gerarem as situações graves ridiculus mus, insignificâncias miseráveis, desprezibilidades caricatas. Situação grave, por exemplo, é esta que a guerra criou ao mundo burguês. O sistema burguês viu e vê o perigo claramente: o qual perigo consiste em irem-se os privilégios patronais e políticos à viola, para todo o sempre. E, vendo o perigo, o regime burguês periclitante põe nas primeiras linhas, para garantir uma eficaz defesa, os melhores dos seus homens. Ai temos nós, para exemplo, mestre Lloyd George, o grande baluarte do capitalismo britânico. E' um inimigo mas é um inimigo que se vê, que logra fazer sombra, que consegue impor respeito. E' que tática é a sua? Adaptar-se, para evitar rupturas, para adiar o choque que ele próprio já vê inevitável. Factos são factos, e Lloyd George toma-os como tal. Um homem é impotente para fazer retroceder o mundo, quando milhares de homens se empenham tenazmente em fazê-lo avançar. E Lloyd George vai ao corrente, remando embora contra a maré, assim como quem não quer a cousa, mas é averiguado que se deixa ir um pouco na corrente, concessão hoje, concessão amanhã, tantas quantas são inevitáveis, pois só assim, conformando a vaga, se conseguirá levar um pouco mais longe o batel burguês. Em França, mestre Clemenceau seguiu o mesmíssimo caminho, salvaguardadas apenas as variantes que a diferenciação do meio impõe. Um e outro cedem; quando não cedem prometem ceder. E isto que é uma hipocrisia e uma mentira, sem embargo é também uma transigência, fundamentalmente. Certo é que, por virtude desta situação critica que a guerra engendrou, o mundo burguês, o imenso, o secular mundo burguês arquitecta defesas habilitissimas, e manipula, no ambiente secreto dos gabinetes governamentais, poeiras novas, julgadas ainda capazes de obscurecer a visão ás populações ávidas de luz. Todo o mundo burguês medita e elocubra febrilmente. Mons parturient... O reflexo dum tamanha actividade de mental determinem em Portugal a emergência dum coronel, passante já da meia idade; António, pelo baptismo; Maria, para ficar, no nome inteiro, a nota incongruente e caricatural; Baptista, por fatalidade de nascimento. Ridiculus mus... Chegar a tais confrontos, nesta hora agitada em que rabisco o que estais lendo, quasi me tira o bom humor habitual, que tem sido, pela vida inteira, o meu maior arrimo contra a adversidade, a minha maior salvaguarda contra os desânimos naturais que uma vida sem encantos suscita fatalmente. Porque eu declaro percutientemente que, mal por mal, preferia ser súbdito dum Gungunhana, dum rainha Ginga, dum qualquer soba zulu ou hotentote, a achar-me cidadão, malgrado, dum país sujeito à preponderância ditatorial do coronel Baptista. Vi-o umas duas vezes, há meses já, da galeria da imprensa, em S. Bento, onde fora intencionalmente, para evitar dispêndios com purgantes. Estava o homenzinho no seu lugar ministerial, e fê-lo a natureza, tam apoucado de estatura, que, acima do nível da bancada, pouco mais lhe aparecia que a cabeça: uns bigodes fomentados no ambiente das casernas, uns olhinhos de abertura restrita, a indiciar já deficiências de visão; uns ombros de tal maneira obliquados que des-

lisariam por eles as dragões se pudessem, uma expressão retratando tacañês, da mais espessa e pareceu-me aperceber-lhe uma braquicefalia suspeita, comuns nos idiotas. Eu nada sei dos antecedentes do coronel Baptista, e por estar toda a gente no mesmo pé de ignorância a este respeito, presumo legitimamente que nada haverá feito tal criatura de bom nem de notável até o momento de afamar-se no exercício do poder. Homem de poucas luzes, supondo que dirigiu um povo é o mesmo que comandar um pelotão, aliado da clara realidade revolucionária, e não encontrando, para defesa das castas, o que mantem, outros recursos além da tropa, do tiro e do terror. Peguem vocês nós jornais políticos e burgueses das últimas semanas e verão que esta minha impressão não é só minha, pois de todos os pontos há queixas e protestos contra a obtusidade, a incompetência, a contraproduktividade das medidas governativas adoptadas recentemente. E é, afinal, o coronel Baptista o que de melhor acharam as forças capitalistas do país, para antepôr à rebelião latente de todos os espiritos. Em Inglaterra surgiu Lloyd George, que já um caricaturista equiparou a um leão. Na França propendera Clemenceau, a quem mundialmente se chama o tigre. Se tivéssemos de equiparar o coronel Baptista a qualquer evocativa espécie zoológica, necessariamente teríamos de recorrer a classificação de bem diferente natureza. E anda tam minúscula pessoa a perturbar a vida duma população inteira, desorientado, sem rumo, não sabendo quem atingir, mandando disparar antes de apurar alvo... Não é que o coronel Baptista possa incorporar o inimigo temível que se receia: é que é apenas o impertinente que se aborrece. Não chega a ser um déspota, nem um tirano. E' simplesmente um chato. E assim, tam pequeno, quasi inofensivo apesar do estardalhaço dos seus dragões, quando amanhã a revolução vingadora triunfar, aquela revolução que não hesitará em remover, num esforço heróico, os últimos obstáculos burgueses, terá como castigo dos seus disparates um simples par de estalos, desses que não fazem moça de maior, contudo tem a vez a virtude de impor juízo aos que o não tem ou não querem tê-lo.

Prof. L. Carvalho

NOTAS & COMENTÁRIOS

Contentamento — A hora em que traçamos estas linhas há uma individualidade poderosa em Lisboa que se afrega as mãos de contente. E' o sr. Liberato Pinto.

Há muito que este benemérito ansava por uma situação como a que vamos atravessando. Os seus soldados estão na rua, e pelas ruas vão caindo, aqui e acolá, vários infelizes que tem tido ocasião de saborear o efeito das ordens do sr. Liberato.

E o sr. Liberato Pinto salta de contente enquanto os outros patiam.

Leis e lérias — Até há bem pouco tempo temos vindo nos proclama-

mando a inutilidade das leis-papeis, confiando mais nas resoluções do povo do que nas penadas facies dos legisladores.

Agora, também as autoridades se empenham nessa propaganda dissolutiva, provando, por factos bem visíveis, que as leis são papeis, papeis e nada mais.

Há uma lei elaborada pelos governantes que se propõe defender os interesses da imprensa. Não permite ela o encerramento dos jornais.

Ah! mas as leis são papeis e a redacção de A Batalha fecha-se.

Leis, leis são lérias.

ALVEJANDO “A BATALHA,”

Em face do seu encerramento

Lisboa, 19 de Março de 1920.

Como é natural, a notícia do encerramento das oficinas do nosso jornal, indignou todos os operários que dela tiveram conhecimento, originando os mais veementes protestos contra a arbitrariedade do governo, que, na prática das mais estúpidas violências, procura refugio à sua incapacidade assás comprovada.

Essa indignação manifestou-se sem hesitações na reunião de ontem dos quadros tipográficos dos jornais, que tratavam de apreciar a resposta das empresas jornalísticas às suas reclamações formuladas pelos seus operários.

Tratado o assunto dado para ordem da noite, entrou-se imediatamente na questão do encerramento de A Batalha, o que provocou na assembleia uma irreprimível manifestação de protesto, e depois do falarem vários oradores, foi proposta a nomeação duma comissão para se entender com o governador civil, a fim de saber se podíamos tomar conta das nossas oficinas e se A Batalha podia ou não publicar-se.

Nomeada a comissão, dirigiu-se esta ao governo civil a desempenhar-se do seu mandato, enquanto os camaradas que assistiam à reunião continuavam discutindo animadamente o caso, aguardando o regresso da comissão.

Dentro de pouco tempo voltou a comissão, que expoz o resultado da sua demarche, dizendo que o governador civil declarara que as oficinas de A Batalha tinham sido encerradas por se encontrarem instaladas na sede da F. C. C. e C. G. T.

Mostrada a inconsistência de tal afirmação, pois A Batalha, estando no mesmo edificio, tem contudo as instalações separadas das salas dos organismos operários ali estabelecidos, o sr. governador civil não deu uma resposta categorica sobre se nos seria ou não concedida a reabertura da sede do nosso jornal, o mesmo succedendo a interrogação dos comissionados dos quadros dos jornais, se era ou não permitida a publicação de A Batalha, continuando a responder com evasivas.

A assembleia apreciou tam equívoca atitude, resolvendo em conformidade com o pacto há tempos estabelecido entre a Federação do Livro e do Jornal, a Associação dos Trabalhadores de Imprensa e as Empresas Jornalísticas, officiar a estas, convidando-as a pronunciarem-se sobre a perseguição movida a A Batalha, para o que indicou que os quadros dos jornais esperaríamos a resposta até às 17 horas e meia de hoje.

Depois de mais uma troca de impressões, foi encerrada a sessão, marcando-se a assembleia de hoje para as horas acima indicadas.

A Federação do Livro e do Jornal officia ás Empresas Jornalísticas.

Em conformidade com a resolução da assembleia dos quadros tipográficos dos jornais, foi enviado aos representantes das empresas jornalísticas o seguinte officio:

Ex.^{ma} Sr. Hermano Neves (como signatário do acordo firmado em 3 de Julho de 1919, e respeitante à atitude de operários gráficos e jornalistas em caso de suspensão violenta de qualquer jornal)

Ex.^{ma} Sr.

Estará por certo na memória de V. Ex.^a o acordo que, em 3 de Julho do ano transcorrido, foi firmado por representantes das Empresas Jornalísticas, da Federação do Livro e do Jornal e da Associação dos Trabalhadores de Imprensa. Veio esse acordo pôr termo a um conflito suscitado entre os operários dos jornais e as empresas jornalísticas, conflito motivado pela perseguição exercida então contra o jornal A Batalha, cuja publicação foi impedida, determinando tal facto o abandono de trabalho, da parte dos operários, nos outros jornais. Recordar-se há V. Ex.^a que, por virtude desse acordo, ficou assente que, de futuro, a Federação do Livro e do Jornal não importaria ás empresas a suspensão dos jornais quando qualquer deles fosse impedido de circular. Mas também não terá V. Ex.^a esquecido que, nesse mesmo acordo, se reconhecia claramente à Federação do Livro e do Jornal o direito e o dever de defender os interesses morais e económicos da classe gráfica, especialmente quando se tratasse da paralisação de trabalho provocada por assalto ou suspensão violenta de qualquer jornal. Ainda nesse acordo se estabelecia, como V. Ex.^a terá em mente, estes dois princípios: Primo: A Federação do Livro e do Jornal dirigia-se ás empresas jornalísticas antes de tomar qualquer resolução tomada necessária pela suspensão de qualquer jornal. Segundo: As empresas jornalísticas apreciariam o assunto e sobre ele livremente se pronunciariam.

Memorados os princípios essenciais do acordo referido, verificará V. Ex.^a que o momento impõe o cumprimento por parte de todas as entidades acordantes, do que estipulado ficou, e nós estamos dispostos a acatar estritamente. Não ignorará V. Ex.^a que a publicação da Batalha foi na tarde de hoje violentamente obstaculizada. As instalações deste jornal foram cercadas pela autoridade, fechadas as portas, procedendo-se á evacuação das suas salas. Ao chefe do distrito dirigiram-se, na tarde de hoje, duas comissões encarregadas de informar-se dos motivos por que era, ilegalmente, submetido o órgão da organização operária a tam injustificáveis tratos. Foram estas diligências em absoluto infrutíferas, porquanto o governador civil, em resposta ás comissões que o procuraram, declarou dubiamente que se fechara A Batalha pela razão de estar esta instalada no mesmo edificio em que se encontra a Federação e outros organismos da Construção Civil. E havendo-se perguntado ao governador civil se, ma-

OS ACONTECIMENTOS DE ONTEM

VIOLÊNCIAS SOBRE VIOLÊNCIAS

No largo das Duas Igrejas

Ontem, pelas 16 horas, quando os operários da indústria da construção civil, que acabavam de sair da reunião realizada na sede da Federação Nacional da Construção Civil, passavam, em atitude serena, perto do largo das Duas Igrejas, um esquadrão da guarda republicana lançou-se brutalmente sobre os operários, distribuindo desmanchadamente pranchadas brutais. Nesse momento um petardo, arremessado não se sabe por quem, explodiu no meio do esquadrão, ferindo um cavalo e ligeiramente o soldado, que ficou com a espingarda inutilizada. Estabeleceu-se, então, uma grande confusão, ouvindo-se bastantes tiros de pistola.

A guarda, refeita de susto, fez algumas cabriolas desordenadas, não permitindo que ninguém assemelhasse às janelas e efectuando várias prisões.

A BATALHA e vários organismos encerrados

Entretanto, uma força de infantaria cercava o edifício onde estão instaladas as oficinas de A Batalha, a C. G. T., U. S. O., F. N. da C. C. e outros organismos, tendo o comandante da força convidado os representantes de todos estes organismos a fechar as janelas, naturalmente com a intenção de atirar à vontade. Também o referido comandante se dirigiu a esta redacção, fazendo igual convite.

Passado algum tempo, pelas 18 horas, a polícia, por ordem do governador civil, intimou-nos a fechar as portas do jornal, sendo as chaves entregues ao chefe da esquadra das Mercês.

Esta ordem foi dada com toda a delicadeza, é certo, não deixando, porém, de constituir uma tremenda arbitrariedade, contra a qual os camaradas que na referida redacção se encontravam se revoltaram, indo uma comissão constituída por camaradas da redacção e da tipografia de A Batalha, procurar o governador civil, a fim de que este mandasse reabrir as oficinas deste jornal. O sr. Prestes Salgueiro, governador civil, recebeu a referida comissão dum maneira um tanto áspera, descarregando a sua indignação, acompanhada das curiosas palavras *cebolário e abóbora*, sobre a comissão, que estranhou bastante a linguagem de tal personagem. Não deu o sr. Salgueiro uma resposta definitiva, clarificando a situação de A Batalha, não sabendo nós se, pelo facto de A Batalha ter as suas oficinas encerradas, estava também proibida de circular, o que seria a última das arbitrariedades.

No entanto, não mostra intuições amáveis o facto de nos fecharem a sede do jornal, vendo-se, portanto, nesta situação dúbia que desejamos seja insofismavelmente esclarecida, uma vontade oculta de nos vedarem a publicidade.

Vários petardos

Junto do estabelecimento «Paris em Lisboa», à esquina da rua Serpa Pinto, explodiu ontem à tarde um petardo, que não teve consequências funestas.

nufacturada embora fora da sua sede, poderia «A Batalha» circular, respondeu a autoridade que «nada estava ainda resolvido sobre o assunto». De qualquer forma a publicação do órgão operário está impedida hoje, e não sabemos por quantos mais dias vigorará este procedimento que, usando das mais brandas classificações, só de arbitrário, ilegal e indigno pode ser taxado. Em presença de factos assim tão graves cumpre às classes gráficas adoptar, prontamente, imediatamente, as resoluções que a defesa dos seus interesses morais e materiais impõe.

Não adoptamos ainda resoluções algumas por que nos empenhamos em cumprir fidelissimamente o acordo a que acima se faz referência e não impõe consulta prévia às empresas jornalísticas, representadas, para o efeito, por V. Ex.ª. Mas é fácil de entender que, em tam amarga contingência, se sentem as classes gráficas, todo o operariado, aliás, profundamente indignadas e dispostas a lutar pela liberdade de expressão do pensamento, agora coarctada em exclusivo prejuízo da voz proletária. Nós confiamos em que V. Ex.ª saberá compreender o nosso estado de espírito e, de harmonia com o acordo de Julho, procurará fazer reunir, com a urgência requerida pela questão, as empresas jornalísticas, levando-as a defender este princípio nobre e dignificador por virtude do qual se reconhece o direito de falarem sem obstáculos aqueles que tem a dizer em sua defesa. A esta esperança nos arrimamos, mas não com desdouro, antes com a ansia de homens sobre cuja boca foi apostada traiçoeiramente uma mordada, no preciso momento em que mais necessária lhes era a palavra. A Batalha defende na imprensa os interesses da classe imensa: a operária. Muito

Na rua dos Cavaleiros, quando a cavalaria da guarda republicana passava, uma bomba explodiu, começando a guarda republicana aos tiros, do que resultou ficar um indivíduo morto e outros feridos.

Barbaridades da guarda

O operário sapateiro Vicente Tomás da Cunha, foi barbaramente agredido pela guarda republicana, que também descarregou a sua fúria canibalesca sobre seu filho, de dois anos, que ficou confuso na cabeça.

Segundo nos informam, os soldados da guarda fizeram tiros à doida para as janelas, não respeitando, assim, quem se encontrava em sua casa.

A guarda republicana tem sido de uma violência que roça muito pela selvajaria, o que é natural, porque a violência deve estar na razão directa da importância do prelo. Ora, corporação alguma do exército recebe tanto do exausto tesouro nacional como a guarda. Está explicada, pois, a sua brutalidade, que quer simplesmente dizer que ela serve bem a quem lhe paga bem.

Os da «segurança»

Ontem, cerca da meia-noite, quando se dispunha a ir ceiar na companhia de dois amigos, fui preso por um grupo da polícia da segurança do tacho, um nosso camarada da redacção, por haver respondido com uma inofensiva ironia às imposições grosseiras do não menos grosseiro chefe do referido grupo.

Por meios brandos, delicados, pretendeu ele fazer ver aos seus captores a injustiça de que era alvo, mas isso valeu-lhe ser ameaçado pelo chefe do grupo de que se serviria do seu grosso bengalão se continuasse falando. Entretanto, no cruzamento da rua do Atalaia e da travessa de Fieis de Deus, rebentou um curto, mas nutrido tiro de pistola, e esse facto, a declaração de que não era nenhum facinoroso e de que não trazia arma alguma consigo, e, ainda, a intervenção dum sargento do exército que fazia parte do grupo, conseguiram que lhe fosse dada a liberdade, com a recomendação de que não calasse noutra...

Uma das amabilidades com que, pouco antes, havia sido mimosoado pelo tal chefe do grupo foi esta, a textual:

— O que lhe vale é não ser fora de horas, porque senão já, você teria provado disto... e acenou com o bengalão.

Como se vê, revivem os tempos do sidonismo.

Notas várias

Foi proibida a passagem de eléctricos para Estrela, praça do Brasil e Rio de Janeiro.

O serviço para Alcantara, Belém e Dafundo fez-se a partir do largo do Corpo Santo.

Ficou furado pelos estilhaços das bombas o alpendre de vidro da casa Paraíso em Lisboa, no chiado.

As ruas da Baixa e Rossio foram ocupadas militarmente, postando-se a tropas nas embocaduras.

doloroso será para esta vés-priva da do seu órgão, enquanto os restantes órgãos falam livremente, como é justo que seja.

Aguarda este organismo que V. Ex.ª se digne dar até às 19 e meia horas de amanhã, sábado, uma resposta a este ofício, resposta que, será presente à assembleia dos quadros dos jornais diários de Lisboa, que no dia e horas indicados reunirá para a apreciar.

Acite V. Ex.ª a expressão respeitosa da nossa consideração.

A Federação do Livro e do Jornal

Agrupamentos que protestam

Empregados no comércio

Tendo sido participado a esta comissão que, por ordem do governo ou dalgum que o representa, tinham sido encerrados os escritórios e oficinas de A Batalha, a comissão pro-aumento de salário dos empregados no comércio, que não encontra no dicionário português termos com que possa exprimir tam inqualificável procedimento, limita-se a protestar-vos toda a sua solidariedade, esperando que deste monstruoso atropelo, o órgão das classes trabalhadoras saia ainda mais fortalecida.

União dos Sindicatos Operários

Reunião de delegados

Reuniu ontem novamente este organismo, apreciando as violências praticadas pelo governo do intolerável sr. Baptista, que sistematicamente vem perseguindo a organização operária, a qual protesta indignadamente contra tal atitude, que contrasta flagrantemente com a mantida para com os assambradores, que se sentem regosijados por verem o povo trabalhador

Construção Civil

Sem a menor defecção e com a mesma atitude decidida do primeiro dia, mantem-se a greve da importante classe da construção civil, que o governo, satisfazendo os rancores de proprietários gananciosos e reacçãoários, procura esmagar por uma forma violenta e estúpida, o que só os espíritos tacanhos e maus podem apoiar.

O governo, os mestres de obras e os proprietários, colocando-se numa irreductibilidade provocadora, pretendem vencer os grevistas, proporcionando-lhes dois caminhos a seguir: ou retomarem humilhados o trabalho ou lançarem-se numa luta desesperada, de que os capitalistas e seus sequazes contam sair vencedores, apoiados como estão pelas baionetas e metralhadoras do exército, da polícia e sobretudo da guarda republicana.

O supremo argumento desses senhores é o emprego da força, pois que a razão e a justiça lhe faltam por completo.

Por isso, devido a essa malévolta atitude, a solução do movimento se vai tornando cada vez mais difícil, porque a tam más intenções não se pode responder com a calma tam necessária nos grandes momentos.

Pelo noticiário que em seguida inserimos, os nossos leitores verificarão a veracidade das nossas afirmações, pois tanto em Lisboa como nos arredores os grevistas mantem-se nobremente.

Na sede da F. C. C.

Conforme estava anunciado, realizou-se ontem, pelas 14 horas, na sede da F. C. C., uma sessão que foi imponente pelo grande número de operários, que por completo enchiam as salas e corredores.

Todos os oradores se exprimiram com energia, condenando a atitude do governo e dos mestres de obras e industriais, que, parece, se acham dispostos a protelarem a resolução do conflito, para que uma numerosa classe se foi arremessada pela necessidade de obter mais um pedaço de pão.

Foi também verberado o procedimento do governo que, sem motivo justificado, mandou encerrar as secções.

Todos os operários que assistiram à sessão se mostraram decididos a lutar, a fim de que as suas reclamações sejam atendidas.

No final da sessão foram soltados diversos vivas, dispersando depois a numerosa assistência na melhor ordem.

Alguns mestres e proprietários aceitam as reclamações dos grevistas

A F. C. C., recebeu já bastantes adesões de mestres de obras e proprietários, de que hoje damos a nota que segue:

Mestres construtores. António Seródio, Dias e Santos, José Antunes Cartaxo e Alfredo Vicente Ventura, (empregadores de pintura); António Pinto, António Felisberto, Augusto da Silva, (proprietários); Sesiando da Silva, (proprietário); António Nunes dos Santos, (construtor); José Torres, (industrial de cantarias); António Cardoso, Barbosa e Ferraz, Francisco Almessa, Manuel da Graça, Manuel dos Santos Fernandes, Manuel Rodrigues & Soeiro, Alberto dos Santos e Francisco Mesquita, (construtores).

Pedreira: José Bernardo Matos, José Godinho, Gregório Justino, Manuel Soares Leitão, Silvestre Leonardo do Chão, José Rocha, Francisco Luís Paulo, José de Gândavo, João Plateia, (diploamado); Telemaco Alves Cardona, António Ferreira, João Galante, Anselmo Loureiro de Sousa, Mannel Antunes, Tiago Soares, Joaquim Pimenteira, Francisco Pereira, Faria de Pires, Marques e Santos, Deodato Quintino, Abílio de Azevedo Mourão, Manuel Lourenço Vilas, António Luís Belém, (diploamado); Alexandre de Almeida, José Dias Ferreira, (proprietário), rua Saraiva de Carvalho; José da Costa Gita e Manuel de Sousa Coelho, (diploamados); Alberto dos Santos, construtor e C. Xavier de Carvalho & C.ª, (proprietário).

Mecânica Serração: A. J. Neto, rua 4 de Março; Joaquim Rodrigues Gavião e Joaquim Hermenegildo, (construtores).

Fornos do cal: Fábria de cal da Ponte Nova, Limitada, Joaquim de Sousa; Empreza Progresso, Limitada, Casal das Lages, Abroto Monteiro; Viuva de João Soares Teles (fornos

espingardeado, o qual por mais duma vez se tem batido valentemente pela defesa da república contra as tentativas dos reacçãoários, recebendo mais uma vez a ingrata recompensa do seu heroico desprendimento pela vida na luta por uma causa que não é sua.

Foram resolvidos assuntos de carácter reservado, continuando-se em sessão permanente.

EM FACE DO PATRONATO

CORPORACÕES EM GREVE

de cal), Casal do Evaristo, estrada dos Prazeres; Manuel Rodrigues de Matos.

Pedreira: Rua Particular aos Prazeres, 18.

Cerâmicos: Freitas & Vaz, Limitada, estrada de Malpique.

Cabouqueiros e construtores de pegos: Alfredo José Fernandes, Raúl Cardoso de Figueiredo, empreiteiro de estuques e pinturas, etc.; Companhia de Estuques Brilhante.

Empreiteiros construtores: António Cardoso; Agostinho Fragozo; Luís Garcia Macêdo & Mota; Joaquim dos Santos David (construtor); João Manuel da Cruz (construtor); Guilherme dos Santos (construtor); Eduardo Francisco Gravata (construtor).

Concelho de Cascais

Deram a adesão os seguintes mestres e construtores: José Vicente, Estoril; Joaquim dos Santos, Estoril; Luís Ferreira, Estoril; António Pereira de Figueiredo, Estoril; Manuel Rafael da Silva; António Pereira Cardoso; José Gualberto; José Gregório Correia das Neves; José Rodrigues; José Vicente; Manuel Moreira.

Nas secções

Seixal

Nesta localidade continuam em greve os operários da Construção Civil com o mesmo entusiasmo do primeiro dia.—O comité local.

Cascais

Continua tudo paralisado. Os nossos camaradas reunidos na Associação, estão dispostos a não retomarem o trabalho sem que a vitória seja um facto.

Primeiro que tudo está o nosso pão e o pão dos nossos filhos Viva a greve geral.—O comité local.

Oeiras

Prossegue sem desfalecimento o movimento grevista da Construção Civil, estando todos os operários na disposição de se manterem na luta custe o que custar, até à completa satisfação das suas reclamações.—O comité local.

Fátima

A greve da Construção Civil continua na mesma firmeza e solidariedade. Aguardamos ordens do comité central. Viva a greve geral.—O comité local.

Convocações

Na sede da Associação da Construção Civil de Cascais, realiza-se hoje, uma sessão magna para ser apreciado o movimento grevista.

Nota oficiosa

Aconteceu o que já prevíamos. Os acontecimentos de ontem vem demonstrar que o culpado dos sucessos ocorridos foi o governo, pois que não querendo descer da sua dignidade se tem conservado numa intransigência absoluta.

A comissão de negociações, apresentou ante ontem uma plataforma que solucionaria a greve atravésmente sem quebra de dignidade para ambos os lados, mas a tanchaz do governo de querer prevalecer sobre tudo e todos é que origina a demora da solução da greve.

O governo mais ou menos tem cedido as reclamações de várias classes; porque se mostra irredutível quanto aos operários da construção civil?

Durante oito dias se manteve esta greve sem que fosse precisa a intervenção da força pública. O governo quiz abusar com a questão não se lembrando que quando a fome entra pela porta, sai a virtude pela janela. Foi o que sucedeu.

Alguns desesperados, mais exaltados, que os há em todos os campos, fez o gesto, que há de repetir-se em todos os tempos. Quem é o culpado? O governo com a sua teimosia e os mestres de obras capitaneados por um reacçãoário monárquico, presidente da Associação dos Proprietários, que pretendem jogar com a nossa greve, para coagir o governo a modificar a lei do inquilinato, para a subida das rendas das casas já construídas de longos anos.

Não podemos consentir, não nos submeteremos. É a guerra sem tréguas? Pois aceitamo-la!

E há de ser sem fim.

Não seremos nós que temos que perder, mas sim aqueles que nos querem forçar a uma situação deprimente. Não! Não! Não! Seremos esmagados pela força, pela violência, mas como cobardes não nos submeteremos.

A luta continuará, será o caos, a desorganização de tudo.

Será afinal a derrocada.

E' tempo ainda: atendamo-nos!

O comité central dóra-avante já não poderá ter mão no movimento.

Oito dias, repetimos, o nosso movimento correu ordinarmente, mas a reacção, a sombra negra e sinistra do presidente da Associação dos Proprietários, monárquico retinto, o conspirador e ex-deputado Artur Carvalho da Silva, insinuou no espírito do presidente do ministério, para que não nos dessem nada, ou então queria a modificação da lei do inquilinato.

Querem que sirvamos de joguete, em tal assalto às nossas bolsas? Não! Não é com o nosso silêncio, que tal se consumará.

Os operários da Construção Civil tem as suas sedes encerradas; tanto melhor. Porém, diariamente serão distribuídas notas oficiosa que os porão ao corrente do que se passar.

Coragem, firmeza e energia.

Viva a greve geral sem fim.—O comité central.

Metalúrgicos

Continua inalterável a greve geral metalúrgica, sendo o moral da classe

continuaram na sua faina, que pouco trabalho lhes deu, visto que os metalúrgicos continuam primando pela sua ausência às portas das oficinas.

Na Central Tejo, ontem como nos dias antecedentes, nenhum pessoal se apresentou ao trabalho, continuando apenas trabalhando os fogueiros e maquinistas da armada.

Com respeito ao pessoal dos telefonos, devido ao infame *truc* usado pela Associação Industrial, mandando publicar em todos os jornais que o conflito se achava solucionado, algum pessoal feminino se apresentou, mas o pessoal esta tarde reuniu no Sindicato Unico resolveu não retomar o trabalho, pelo que o conflito continuará sem solução.

Afinal a companhia garantia que hoje os telefonos já funcionaríamos mas... eles continuam como dantes.

O comité dirigente do movimento geral metalúrgico já conta em seu poder bastantes adesões de industriais às reclamações formuladas, mas ainda não autorisa a que nenhuma dessas casas retomasse o trabalho, pois aguarda que das negociações que se vão entabolar com a Associação Industrial o movimento fique solucionado em geral.

A comissão de *démarches* encontrou-se hoje, pelas 15 horas, com os dirigentes da Associação Industrial (secção metalúrgica).

No Sindicato Unico Metalúrgico

A's 16 horas, reuniu em sessão magna a classe metalúrgica, tendo sido por vários oradores, bem como pela assembleia, verberado indignadamente o encerramento das secções sindicais do Pogo do Bispo, Belém, e Palma.

Constou-se mais uma vez que a classe se encontra fortemente unida e disposta a lutar contra os seus verdugos até que eles lhe cedam um pouco mais de pão e liberdade.

Reuniram também os grevistas da Companhia dos Telefonos para apreciar a marcha da greve e a nota fornecida à imprensa pela Associação Industrial, que depois de ter oficiado para o Sindicato dizendo estar disposta a negociar com esta colectividade, usou dum *blague*, armando a rede em que pensou cair o pessoal; mas o pessoal reunido demonstrou mais uma vez a sua coesão e firmeza, afirmando não retomar o trabalho enquanto não forem atendidas as suas reclamações, tanto de ordem moral como material.

Mais violências!

Ontem pelas 8 horas foram pela polícia encerradas as secções sindicais metalúrgicas de Palma e Arredores, Pogo do Bispo e Belém.

A's 19 horas foi encerrada a sede do Sindicato U. Metalúrgico pelo chefe da esquadra do Caminho Novo acompanhado dum cabo e 4 polícias, a mando dessas autoridades superiores.

Nas secções

Por comunicações que recebemos das secções do Sindicato Unico Metalúrgico, que a falta de espaço nos inibe de publicar, verifica-se que o movimento continua sendo secundado com grande entusiasmo.

Pessoal dos Telefonos

Para assunto urgente reúne o pessoal telefonista, hoje, pelas 17 horas, na sede da Associação dos Caixeiros, rua António Maria Cardoso, 20.

Nota oficiosa

Apesar das violências contra nós cometidas pelas autoridades, é a talvez em virtude delas, o nosso movimento continua belo!

A autoridade depois de mandar reabrir a sede do nosso sindicato acaba de mandar novamente encerrar.

Camaradas! Todas estas violências tem um fim: Desmoralizar-nos, fazer com que a classe vá novamente retomar o trabalho sem condições, e vergue ao jugo da causa patronal, sem as reclamações atendidas, sem um pouco mais de pão concedido!

Enganam-se!

A classe metalúrgica tem muito em conta a sua situação miserável, a situação definhança das suas companheiras e dos seus filhos.

A classe metalúrgica, apesar de até aqui não ter tido ocasião de demonstrar o seu ardor combativo, está disposta—e para isso está sendo provocada—a demonstrá-lo. O pacto dos industriais começa a quebrar-se. As adesões isoladas de industriais às nossas reclamações começam chegando.

Metalúrgicos! Todo aquele que neste momento retomar o trabalho é um cobarde e merece o desprezo de toda a classe metalúrgica! É um traidor contra si próprio.

Quem quer retomar o trabalho sem determinação deste comité?

Viva a solidariedade operária! Abaixo a tirania governamental! Viva a greve geral metalúrgica!

Indústria mobiliária

A greve iniciada por esta classe, há cinco dias, mantém-se dum forma brilhante que muito enobrece esta corporação, que há tempos a esta parte vem demonstrando o seu valor revolucionário.

Só as arbitrariedades dum governo impede que a estas horas esteja solucionado o conflito.

Em torno de «A Batalha»

Depois do encerramento da nossa sede, tentámos, infrutiferamente, que tal medida não se prolongasse, esperando ainda que a comissão dos camaradas gráficos dos jornais obtivesse uma resposta clara, mas em vista da resposta ambígua do governador civil, como noutro lugar referimos, resolvemos, já tarde, 23 e meia horas, publicar o nosso jornal. Conhecendo bem as dificuldades que se oporiam aos nossos desejos, contávamos, todavia, com as nunca desmentidas dedicações que A Batalha possui em todos os campos, e é assim que, com verdadeiro regosio, hoje damos à publicidade A Batalha, por mais uma vez se ter afirmado a boa vontade e a dedicação dum grupo de amigos, que pôs à nossa disposição todo o material de que carecíamos.

Um jornal que conta tais dedicações, não morre; os golpes que lhe atiram para o aniquilar não conseguem senão dar-lhe maior vigor.

Ontem, quando um grupo de operários da indústria se encontrava na sede da Associação dos Caixeiros, aguardando a realização da assembleia onde o comité da greve ia propor a volta ao trabalho em consequência de possuir a totalidade das adesões, foi, porém, impedido de o fazer, visto a sede deste organismo ser assaltada pelos bandidos que prenderam todos os assistentes enviando-os ao governo civil.

Entretanto, a comissão de negociações prosseguia na sua missão, não sofrendo o moral dos grevistas a menor alteração, havendo em todos a maior indignação pelos massacres ontem feitos e pelo encerramento da C. G. T. e Batalha.

Hoje, na assembleia que reúne às 15 horas na Associação dos Caixeiros, será presente o resultado das *démarches*, a qual deverá resolver o caminho a seguir.

Nota oficiosa

A despeito da atmosfera terrorista que ontem pairou sobre Lisboa, o moral dos grevistas desta indústria nada sofreu, e sem desfalecimentos, conseguiu a comissão de grevistas adquirir as restantes adesões, podendo solucionar-se este conflito, que se mantém há cinco dias com uma resistência brilhante.

Porém, a desordenada orientação dos governantes da nossa terra, o pavor espalhado pelas metralhadoras e espingardas, ontem, impediu que este comité pudesse dar por findo o movimento, em consequência das arbitrariedades cometidas contra os operários desta indústria.

Quando o referido operariado, na Associação dos Caixeiros, aguardava a realização da assembleia, o comité iria apresentar a liquidação da greve no momento para esta corporação, com as suas reclamações integralmente satisfeitas, pela força armada, que na sua ância procura sufocar os direitos dos que reclamam pão, foi assaltada a referida associação, e presos todos quantos lá se encontravam.

Não escapou aos impetores ferozes dos mantenedores da ordem, uma nossa camarada sirgoira, que foi insultada pelos algeiros, e só por uma benevolência pouco vulgar não foi presa.

A responsabilidade da continuação da greve cabe portanto aos governantes que, com as suas medidas de ordem, só provocam a desordem.

Este comité protesta contra todas as infâmias praticadas e contra as prisões efectuadas.

Outrossim, protesta contra o encerramento de todos os sindicatos e o selamento do nosso órgão A Batalha. No entanto, a comissão de negociações constata a adesão dos

Assim, hoje, as comissões de vigilância devem prosseguir na sua missão, devendo manter-se, a mesma firmeza pois só dela se conseguirá um triunfo completo.

Viva a greve mobiliária! Abaixo com todas as iniquidades!—O comité central.

Telegrafos-postais

Nota oficiosa

O comité central dos correios e telegrafos reputa de infantil a nota oficiosa do governo, dando como em via de restabelecimento os serviços postais e telegráficos, tanto mais que a mesma nota cita apenas as estações de Alcobaca e Pómbal, como demonstração, evidente da impotência do governo em face da complicada questão.

Garante mais uma vez o abandono das repartições da administração geral e de todas as secções do correio e telegrafo, por parte do pessoal. O próprio governo o confirma nas suas notas pelo chamamento de elemento militar.

As estações urbanas abriam por ordem das autoridades mas em nenhuma foi executado serviço porque o pessoal feminino está solidário com os seus colegas.

Atribui a elementos políticos a nota publicada em nome de empregados da administração geral, que diz terem retomado o trabalho, estando porém as repartições abandonadas.

A tesouraria abriu apenas com o seu tesoureiro e duas senhoras, não se desempenhando ali serviço.

A disposição dos grevistas é cada vez melhor, tanto mais que se reconhece que este movimento é ainda mais unido do que o de 1917, cujas defecções de então não conseguiram anular o seu valor.

No Porto, em Coimbra e nos restantes distritos mantêm-se a mesma solidariedade e a disposição de só se retomar o trabalho quando este comité o determinar.

Foi hoje profusamente distribuído um manifesto da classe tendo a autoridade de todos os camaradas que andavam fazendo a sua distribuição.

Em Faro foi preso todo o pessoal, incluindo o chefe dos serviços.

As violências do governo estão fortalecendo o espírito dos grevistas e alimentando a opinião pública em seu favor.

Viva a greve telegrafo-postal! Saúde, coragem e firmeza.

O comité central